

Tarifa dos EUA ameaçam Usiminas, Ternium e ArcelorMittal

CSN pode ser menos penalizada pois tem planta nos Estados Unidos

Por Pedro Lovisi - Folhapress

As tarifas sobre aço e alumínio anunciadas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, no domingo (9) podem afetar grande parte das vendas das siderúrgicas brasileiras, caso entrem em prática de fato e não haja exceções que beneficiem o país. O Brasil é o segundo maior exportador de aço para os americanos.

De acordo com analistas ouvidos pela Folha de S.Paulo, as empresas mais afetadas devem ser a Ternium e a Usiminas, que exportam grande fatia de suas produções para os EUA. A primeira é a controladora da segunda, mas também tem uma fábrica própria de placas de aço no Brasil, onde tem capacidade de produzir até 5 milhões de toneladas anualmente no Rio de Janeiro.

Segundo o relatório anual da Ternium, em 2023 a empresa exportou 486 mil toneladas de aço a partir do Brasil. A siderúrgica não divulga quanto de sua produção anual vai para os Estados Unidos, mas uma fatia considerável atende às indústrias americanas.

Quem conhece o mercado também aponta que a siderúrgica envia parte de sua produção semiacabada no Brasil para suas plantas americanas e mexicanas, onde os produtos de aço são finalizados. O México, aliás, outro país na mira de Trump, é responsável por quase 60% das exportações da Ternium, justamente pela proximidade com os Estados Unidos.

Já a Usiminas tem a América do Norte como destino de 13% de suas exportações. A siderúrgica não destrincha o dado em nome de países, mas segundo analistas uma grande fatia vai para os Estados Unidos. Em 2023, por exemplo, a Usiminas exportou 382 mil toneladas de aço (assim, cerca de 50 mil toneladas foram enviadas para a América do Norte). Os dados de 2024 serão anunciados nesta sexta-feira (14).



Sobe e desce em ações

Apesar do potencial impacto das medidas, as ações da Usiminas cresceram 1,07% na manhã desta segunda (10), sendo comercializadas a R\$ 5,66. No horário do almoço, a Usiminas avançava 1,63%.

As ações da CSN, por sua vez, caíram 0,44% e eram vendidas a R\$ 8,90. Por volta das 12h33, as ações da CSN subiam 1,68%, enquanto Usiminas avançava 1,63%. Em 2023, cerca de 300 mil toneladas de aço foram negociadas pelo braço de distribuição da empresa nos EUA e outras 21 mil toneladas foram exportadas (sem filtro de país). A grande maioria das negociações da

siderúrgica brasileira, porém, acontece no mercado doméstico, que absorveu quase 3 milhões de toneladas de aço naquele ano.

Na mesma linha, os papéis da ArcelorMittal, outra empresa que poderá ser afetada, caíram 1,42% e eram vendidas a R\$ 79,47. A siderúrgica, que tem várias plantas no Brasil, não divulga quanto de sua produção brasileira vai para os Estados Unidos, mas segundo seu relatório anual, em 2023 a empresa produziu 14 milhões de toneladas de aço no país, sendo a grande maioria exportada.

Marco Antônio Castello Branco, ex-presidente da Usiminas e ex-diretor da Vallourec,

aponta que a ArcelorMittal, assim como a Ternium, alimenta suas unidades nos EUA com aços semi-elaborados do Brasil e, por isso, as taxas devem afetar suas operações internas. Ele estima que as siderúrgicas no Brasil podem perder até US\$ 5 bilhões (R\$ 29 bi) devido às medidas de Trump.

“Os impactos dessa medida são a perda de receita em dólar da siderurgia, aumento de ociosidade das usinas e eventualmente suspensão ou adiamento de seus investimentos. Dificilmente o Brasil conseguirá reorientar os volumes que deixarem de ser exportados para outros países”, diz Castello Branco. Hoje, a capacidade

produtiva das siderúrgicas brasileiras varia entre 60% e 70% (considerada baixa), e as medidas de Trump podem reduzir ainda mais esse percentual.

A dificuldade em reorientar a produção brasileira também é mencionada por Yasmin Rivel, consultora de mineração e siderurgia da Tendências Consultoria. “Como as tarifas vão afetar todo mundo, os demais países também vão tentar realocar suas produções. Vai ser uma corrida para quem vai conseguir negociar flexibilizações primeiramente”, diz.

Segundo ela, o Brasil tem uma vantagem sobre os demais países. Isso porque, como a grande maioria das exportações

Taxas de Trump fizeram as ações da CSN caírem pela manhã e depois inverteram queda e começaram a subir

brasileiras para os EUA é de aços semiacabados, as siderúrgicas americanas podem ser afetadas se não conseguirem mais importar o produto brasileiro.

Na lógica da cadeia global de aço, essas siderúrgicas precisam importar aço semiacabado para fabricar produtos para indústrias manufatureiras, como as automotivas. “Com isso, há espaço para defender um tratamento diferenciado para o Brasil”, afirma.

Em 2018, por exemplo, o governo Trump também aplicou uma tarifa de 25% sobre o aço importado pelos Estados Unidos, mas dois anos depois, reduziu a cota de importação de aço semiacabado do Brasil. Em 2022, sob Joe Biden, os americanos revogaram as medidas restritivas.

A Gerdau, por outro lado, deve ser uma das poucas siderúrgicas brasileiras que não serão tão afetadas pela medida. Historicamente, menos de 10% das exportações da produção da empresa no Brasil vão para a América do Norte - a siderúrgica prioriza os mercados da América do Sul, América Central e, recentemente, tem ganhado espaço no mercado Europeu.

Além disso, a empresa tem fábricas nos Estados Unidos, que representam grande parte das receitas da empresa - por isso, em primeira análise, a siderúrgica poderia se beneficiar das tarifas. As ações da empresa cresceram 3,77% na B3 na manhã desta segunda, sendo vendidas a R\$ 17,33.

Nesta segunda, o BTG publicou uma análise em que diz que é natural enxergar a Gerdau como beneficiária das medidas, mas o banco alertou ser necessário ter mais detalhes do anúncio. “Embora a reação inicial possa ser cobrir posições vendidas ou buscar uma negociação rápida, recomendamos alguma cautela”.

CSN recorrerá de decisão sobre Usiminas

Por Alex Sabino - Folhapress

A CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) confirmou na manhã desta segunda-feira, dia 10, que irá recorrer da decisão do TRF-6 (Tribunal Regional Federal da 6ª Região), em Minas Gerais, manteve a determinação de que a empresa deve vender a maioria de sua participação acionária na Usiminas até julho de 2024. O Tribunal rejeitou os embargos de declaração da CSN, por 3 a 0, na semana passada.

A reportagem apurou que a Usiminas pretende levar o acórdão à CVM (Comissão de Valores Mobiliários) e apresentar uma reclamação contra a CSN. A alegação é que a Companhia teria mentido ao mercado ao declarar não saber o prazo para se desfazer das ações.

Essa disputa é um capítulo da novela que envolve a disputa entre Ternium, empresa parte do conglomerado italiano Techint, e a própria CSN, referente ao controle da Usiminas.

Pelo entendimento do TRF-6, a CSN poderia deter no máximo 5% da Usiminas, mas possui 12,9%. No passado, já chegou a ter cerca de 16%.

Em nota, divulgada quando da decisão do TRF-6, a siderúrgica de Volta Redonda afirma que a decisão “não altera a necessidade de análise definitiva da questão, que segue em debate judicial”, e já sinalizou que vai recorrer.

“Além disso, o próprio Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) também apresentou embargos de declaração, evidenciando que a decisão do TRF-6 gerou questionamentos até mesmo por parte do órgão regulador competente para tratar de questões concorrenciais no Brasil”, afirma a companhia.

O Cade havia determinado, em 2014, que a CSN deveria vender suas ações na Usiminas. As duas estão no ramo da siderurgia. O prazo seria até 2019, mas a empresa fluminense conseguiu seguidas prorrogações. Em 2022, a autarquia federal que regula concorrência e infrações econômicas manteve a obrigatoriedade de venda, mas retirou qualquer data limite.

Na visão da Usiminas, isso passou a significar que a CSN poderia continuar com a mesma porcentagem de participa-



Disputa se deu por supostas negociações paralelas da Ternium sob ações da Usiminas

ção por quanto tempo quisesse, e entrou com mandato de segurança no TRF-6. Isso iniciou a ação que teve decisão na última quarta-feira.

A CSN pediu que alguns documentos permanecessem em segredo de Justiça, mas o Tribunal estendeu o sigilo a todo o processo e o manteve assim nesta semana. A CSN diz não existir “qualquer risco concorrencial que justifique a venda forçada da participação societária.”

A briga entre as empresas

começou em novembro de 2011, quando a Ternium comprou 27,7% da siderúrgica mineira. Pagou R\$ 4,1 bilhões (à época) para Votorantim e Camargo Corrêa. Entrou no grupo de controle, mas sem tê-lo.

A CSN pediu à Justiça uma indenização, porque entendia que a mudança no grupo de controle disparava o que é chamado de “tag along” - quando um grupo minoritário tem direito de receber uma oferta por suas ações devido à alienação do

controle de uma companhia. É algo que está previsto no artigo 254A da lei nº 6.404, conhecida como Lei das S/A.

A CSN acredita que isso aconteceu na Usiminas de forma disfarçada e em negociações paralelas para evitar a oferta pública de ações.

A Ternium sustenta não ter ocorrido troca de controle e teve pareceres favoráveis na CVM (Comissão de Valores Mobiliários) e na Justiça paulista. A reviravolta aconteceu a

Elvira Nascimento/Usiminas